



Universidade de Brasília
Instituto de Psicologia
Departamento de Psicologia Social e do Trabalho - PST
IV Turma do Curso de Especialização em Psicodinâmica do Trabalho

TRABALHO FINAL DE CURSO
Coordenadora: Profa. Dra. Ana Magnólia Bezerra Mendes

**SOFRIMENTO E DEFESAS EM ACIDENTES DE TRABALHO: UM OLHAR
DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO**

Apresentado por: Jucilene Balduino de Oliveira
Orientado por: Profa. Dra. Ana Magnólia Bezerra Mendes

Brasília - DF
Janeiro 2014



Universidade de Brasília

Instituto de Psicologia

Departamento de Psicologia Social e do Trabalho - PST

IV Turma do Curso de Especialização em Psicodinâmica do Trabalho

**SOFRIMENTO E DEFESAS EM ACIDENTES DE TRABALHO: UM OLHAR
DA PSICODINÂMICA DO TRABALHO**

Apresentado por: Jucilene Balduino de Oliveira

Orientado por: Profa. Dra. Ana Magnólia Bezerra Mendes

Brasília - DF

Janeiro 2014

Resumo

Este estudo buscou verificar a presença de sofrimento e defesas entre servidores que sofreram acidente de trabalho típico em uma instituição pública em Brasília. Os servidores pesquisados realizam funções bem diferentes entre si, tendo em comum apenas a ocorrência de acidente. Os dados foram obtidos através de entrevistas semiestruturadas individuais gravadas, transcritas e submetidas à Análise de Núcleo de Sentido, técnica adaptada da análise de conteúdo de gim. É uma pesquisa focada nos princípios da Psicodinâmica do Trabalho, utiliza-se se como referencial às abordagens dejourianas que priorizam a organização de trabalho e seus impactos na saúde mental dos trabalhadores. As análises foram dedutivas, segundo os objetivos da pesquisa, com três categorias pré-estabelecidas: mudanças na organização do trabalho após o acidente de trabalho, sofrimento diante do ocorrido e desenvolvimento de defesas no enfrentamento do acidente. Foram encontrados os seguintes resultados: não houve mudanças importantes na organização do trabalho depois da ocorrência do acidente. Observou-se presença de sofrimento entre todos os entrevistados e desenvolvimento de defesas específicas, principalmente a racionalização. Também foi identificada a autculpabilização entre os entrevistados. Conclui-se que apesar de nenhum entrevistado ter apresentado sequelas físicas representativas do acidente de trabalho sofrido, observa-se presença de sequelas psíquicas, como medo de sequelas advindas do acidente e preocupação de ocorrência de um novo acidente de trabalho. A prevenção e a promoção de um ambiente de trabalho seguro dependem de ações adequadas que sensibilizem mudanças de comportamentos nas

organizações de trabalho visando condições de trabalho mais apropriadas para preservação da saúde física e psíquica dos trabalhadores.

Palavras-chaves: Acidente de trabalho, sofrimento e defesas.

Abstract

This abstract has aimed at verifying the presence of suffering and defenses among the public servants who have suffered typical work accident in a public institution in Brasília. The interviewed public servants perform very different functions among themselves, having only the accident occurrence in common. The data have been obtained through recorded individual semi-structured interviews, transcribed and submitted to the Core of Sense Analysis, adapted content analysis technique of Bardin. It is a research focused on the Work Psychodynamics principles and it uses, as referential, the approaches of Dejours which prioritize the work organization and its impacts on the mental health of the workers. The analyses have been deductive, according to the research objectives, with three pre-established categories: changings in the work organization after the work accident, suffering post hoc and development of defenses in the facing of the accident. The following results have been reached: there have been no important changings in the organization of the work post hoc. The suffering presence among all the interviewed and the specific defenses development, mainly the rationalization, have been observed. Auto culpability among the interviewed has also been identified. It is then concluded that, despite none of the interviewed have presented representative physical sequels from the suffered work accident, psychics sequels presence have been noted, as the fear of sequels caused by the accident and concern

about a new work accident happening. Prevention and promotion of a secure work atmosphere depend on adequate actions that sensitize behavior changings in the work organizations aiming more appropriate work conditions for the preservation of the physical and psychic health of the workers.

Keywords: Work accident, suffering and defenses.

Introdução

“Muitas vezes as pessoas sublimam, põe uma máscara, um tapume, pra não perceber isso, porque isso é muito doloroso...”
Entrevistada B

A Organização Internacional do Trabalho (OIT) traz uma definição de acidente de trabalho como “o resultado da interação entre o trabalhador e os objetos, ambiente e outros indivíduos, que culmina em evento repentino e não desejado, que produz lesões, mortes e perdas”.

A legislação brasileira, no artigo 19 da Lei n.º 8.213 de 1991, conceitua acidente de trabalho como “*aquele que ocorre pelo exercício do trabalho a serviço da empresa, provocando lesão corporal, ou perturbação funcional, que cause perda ou redução da capacidade de trabalho, temporária ou permanente, ou ainda a morte*”. Esta é a chamada definição do acidente típico.

Todos os anos, cerca de 330 milhões de trabalhadores são vítimas de acidentes de trabalho em todo o mundo, além de 160 milhões de novos casos de doenças ocupacionais, de acordo com a OIT.

No Brasil, dados do Ministério da Previdência Social demonstram que a situação no nosso país não é diferente, e estamos entre os países com o maior número de acidentes de trabalho. No ano de 2011, o número de acidentes atingiu aproximadamente 712 mil ocorrências, levando a 2.884 mortes.

A transformação no mundo do trabalho trouxe mudanças e inovações para o mundo do trabalho, modernização dos modos de produção, novas tecnologias, informatização, exigindo que os trabalhadores se adequassem a essa nova realidade. Porém, nessa nova lógica, onde as perdas devem ser mínimas e os lucros os maiores, o trabalhador tem seu trabalho desvalorizado,

em detrimento à máquina, e se torna apenas uma parte mínima no contexto de produção. Essas organizações e relações de trabalho, como citado por Dejours (1998), despojam o trabalhador de sua subjetividade, excluindo o sujeito e fazendo do homem uma vítima do seu trabalho. Dentro desse ambiente de vulnerabilidade que o trabalhador está exposto, aparecem os adoecimentos e acontecem os acidentes de trabalhos.

As mudanças na organização da produção e do trabalho e o aumento das doenças e acidentes apontam para a importância da reflexão acerca do trabalho e sua relação com a saúde dos trabalhadores.

Pesquisas envolvendo acidentes de trabalho se concentram mais nos aspectos físicos do acidente em si, abordando causas exclusivamente relacionadas a fatores ambientais e principalmente no que tange a lesão, mutilação ou mortes. Aspectos psicossociais, especialmente psicodinâmicos são pouco abordados nas pesquisas. Em função disso, e tendo a psicodinâmica como norteadora desta pesquisa, foi escolhido este tema para ser explorado com o intuito investigar a presença de sofrimento e formas de enfrentamento diante do acidente de trabalho.

Referencial Teórico

Conceitos em Psicodinâmica do Trabalho

A psicodinâmica do trabalho é o estudo das relações dinâmicas entre organização do trabalho e processos de subjetivação, que se manifestam nas

vivências de prazer e sofrimentos, nas estratégias de ação para mediar contradições na organização do trabalho, nas patologias sociais, na saúde e no adoecimento (Mendes, 2007).

A organização do trabalho é definida por Dejours (2012) como a divisão do trabalho e sua repartição entre os trabalhadores, o conteúdo da tarefa e as relações humanas no cenário de trabalho. Nela estão contidos os ritmos, as normas, a produtividade, os prazos.

A organização do trabalho é uma relação social, é um compromisso entre objetivos e prescrições (procedimentos, maneira de organizar o trabalho, método) e as dificuldades reais para a realização do trabalho.

Existem na organização do trabalho dois tipos de trabalho: o trabalho prescrito, que é aquele que é ditado por normas formais ou informais e aquele que é o trabalho real, que é o que realmente é feito a partir das prescrições mas com os ajustes necessários para superar as barreiras que aparecem no desenvolver das tarefas. Dessa forma, surge uma face oculta do trabalho (distância entre o real e o prescrito), na qual o trabalhador lança mão de estratégias criativas e inovadoras para dar conta do trabalho. Nesse momento, diz-se que o sujeito está mobilizado, pois reage frente às dificuldades que são encontradas no caminho. Essa mobilização subjetiva é a forma como o sujeito engaja no trabalho e busca estratégias para alcançar o prazer no trabalho. Para Mendes, 2007, vivenciar esse prazer no trabalho só é possível se a organização do trabalho oferecer condições para o trabalhador desenvolver três importantes ações: mobilização da inteligência prática, do espaço da fala/reconhecimento e da cooperação.

Para Dejours (2011), a inteligência prática é o ajuste da organização prescrita do trabalho utilizando a iniciativa, o poder da invenção, a criatividade e da engenhosidade e é no coletivo de trabalho que é expressa sua forma mais típica e real.

O espaço público da fala é ponto chave para comunicação do grupo dentro do conceito de mobilização. Compreende o espaço no qual as opiniões, ainda que contraditórias, podem ser livremente formuladas e publicamente declaradas conforme definido por Mendes (2007). A cooperação é forma que o grupo se organiza e socializa as dificuldades e problemas encontrados no dia-dia do trabalho a partir do espaço público da fala. Passa pela vontade das pessoas trabalharem juntas e de superarem coletivamente as contradições da organização do trabalho.

O reconhecimento é aquele que desenvolve entre os pares, que é o mais severo e crítico, na medida em que estes conhecem a fundo o trabalho e podem avaliá-lo em aspectos por vezes menos visíveis. Ao passar pelo julgamento dos pares e receber aprovação, o trabalhador sente-se retribuído e sai fortalecido desse processo. Junto a esse reconhecimento, outro é citado por Dejours (2012): o de utilidade, aquele feito pelo cliente e pela chefia. Esses dois mecanismos de reconhecimento são fundamentais, pois o que em última instância está em jogo é sua identidade. Ela se constitui no interjogo das relações sociais, sendo que um dos elementos essenciais para sua produção é o reconhecimento social. O trabalho, nesse sentido, é um campo privilegiado na conquista da identidade pelos indivíduos.

Diante dos desafios do trabalho, aparece o sofrimento criativo, que é quando o sujeito vê seu trabalho reconhecido e todo o investimento pessoal

demandado e que, de certa forma, esse sofrimento, adquire um sentido, e é criativo porque contribui com algo novo para a organização. É neste momento que o trabalho faz a passagem do sofrimento para o prazer. Quando não há esse espaço de transformação o sofrimento se transforma em patogênico.

O sofrimento se torna patogênico quando há o esgotamento de todos os recursos defensivos e um desequilíbrio do corpo ou da mente, debilita o aparelho mental e psíquico do sujeito. Para Oliveira (2003) é sofrimento porque o sujeito se vê preso em uma monotonia que o leva a um sentimento de incapacidade, de imbecilidade. O ser humano fica limitado a um estado de paralisia o que inviabiliza a construção da identidade e integridade do sujeito.

A partir do momento que o indivíduo entra no sofrimento patogênico ele passa a utilizar estratégias defensivas para conseguir dar conta do trabalho e para manter sua saúde psíquica. Essas estratégias são construídas, na maior parte das vezes, em consenso pelo grupo. Tendo como alvo principal minimizar a percepção do sofrimento, dão aos sujeitos um suporte, funcionando como mecanismo de proteção.

Essas estratégias são definidas por Mendes (2007) como modos de pensar, agir e sentir na tentativa de minimizar o sofrimento e podem perdurar por longos períodos, levando a alienação do indivíduo frente às causas do sofrimento, não agindo sobre a organização do trabalho. Essa proteção pode falhar caso haja aumento da precarização do trabalho e a possibilidade do adoecimento é quase certa.

Flexibilização do capital x adoecimento/acidente de trabalho

A globalização e a internacionalização da economia, nas quais se destacam os processos de flexibilização e reestruturação produtiva, vem provocando intensas mudanças nas estruturas das organizações de trabalho, que, cada vez mais, investem em aparato tecnológico e em novas formas de gestão para permanecerem competitivas no mercado de trabalho. Os trabalhadores tem que se adequar às novas formas de produção, à modernização da produção e da mundialização dos mercados. As novas formas de gestão, caracterizadas por pressão por produtividade alta e de boa qualidade, exigem habilidade e imediatismo para lidar com as diversas demandas de uma clientela cada dia mais exigente.

Para Ianni (1994), a flexibilidade da organização da produção modifica as condições sociais e as técnicas de organização do trabalho, torna o trabalhador polivalente, abre perspectivas de mobilidade social, mas também intensifica a tecnificação da força produtiva do trabalho potencializando-a. O trabalhador é levado a ajustar-se às novas exigências de produção de mercadoria e excedente lucro ou mais-valia. O que comanda a flexibilização do trabalho e do trabalhador é o novo padrão de racionalidade do processo de reprodução ampliada do capital, lançada em escala global.

Essa exigência de mercado, de trabalhadores polivalentes, qualificados, com iniciativa, mas sem que os mesmos possam ter poder de decisão sobre os meios e os fins, intensifica a exploração do trabalho de um lado o capital e de outro a força de trabalho. O preço pago pelo trabalhador é caro, pois ele depara-se com um quadro em que convivem situações mais evidentes da

violência do trabalho não resolvidas ou enfrentadas parcialmente, geradoras de doenças profissionais ou acidentes de trabalhos, associadas à utilização de tecnologias obsoletas e de substâncias banidas do mundo desenvolvido, bem como a formas de organização do trabalho que desconsideram a necessidade de contemplar e expandir as potencialidades humanas, com as decorrentes de uma nova lógica produtiva, marcada pela globalização da economia.

Rodrigues e Bellini (2010), a produção das doenças e acidentes de trabalho no Brasil é muito mais complexa do que os levantamentos periódicos mostram, uma vez que estes não revelam a real dimensão dos fatos, pois partem do trabalho formal e, quando excluem as demais formas de uso do trabalho (parcial, temporário, subcontratado), não incluem um número significativo de doenças e acidentes ocorridos com esses trabalhadores. Acrescenta-se ainda a dificuldade de atuação das Delegacias Regionais do Trabalho (DRTs), ante os casos de subcontratação no que concerne à fiscalização das condições laborais. Não raras vezes, os trabalhadores encontram-se desprotegidos ou parcialmente desprotegidos dos direitos e benefícios assegurados por lei.

No entanto, estudos mencionam o número alarmante de agravos à saúde de todas as ordens, mesmo que, subnotificados, por razões que vão do intuito claro em escamoteá-los aos atalhos do descaso por onde se perde significativa parcela das Comunicações de Acidentes de Trabalho (CATs), das informações constantes nos registros de óbitos e em outros instrumentos capazes de configurar um panorama mais preciso dos impactos do trabalho sobre a saúde e de possibilitar ações mais eficazes de prevenção, vigilância e intervenção.

Diante desse contexto, os trabalhadores acidentados, além de conviver com a dor relacionada à seqüela do acidente, enfrentam situações em que, muitas vezes, são colocados como vilões do acidente de trabalho. A causa do acidente é direcionada única e exclusivamente sobre o trabalhador, sendo caracterizado como atitude ou comportamento inseguro, uso incorreto dos equipamentos de proteção individual ou descumprimento de alguma norma de segurança. Para Mendes, et al, 2008, no Brasil, o modelo explicativo monocausal centrado na culpa da vítima, que explica os acidentes como fenômenos simples e uni causais, resultado de ações emitidas pelos trabalhadores, vem se mantendo intocável no meio técnico-industrial, em meios acadêmicos mais conservadores e em organismos oficiais.

Conceituando Acidente de trabalho

A legislação brasileira, no artigo 19 da Lei n.º 8.213 de 1991, conceitua acidente de trabalho como *“aquele que ocorre pelo exercício do trabalho a serviço da empresa, provocando lesão corporal, ou perturbação funcional, que cause perda ou redução da capacidade de trabalho, temporária ou permanente, ou ainda a morte”*. Esta é a chamada definição do acidente típico.

Para Guimarães, 2008, o acidente de trabalho é “resultado da interação entre trabalhador e os objetos (ambiente e outros trabalhadores) que culmina em um evento repentino e indesejado, que produzem lesões, mortes e perdas”.

Na visão de Teixeira (2004), os acidentes de trabalhos são eventos sociais, previsíveis, embora não é possível prever quando e com quem

ocorrerão. Podem ser prevenidos por meio de neutralização ou eliminação dos fatores capazes de desencadeá-los.

O acidente do trabalho apresenta duas características básicas, sendo estas o nexo de causa e efeito. Conforme estudos de COSTA (2009) ocorrendo o acidente de trabalho no ambiente de trabalho ou em razão da execução do mesmo, portanto situação que não resulta do ato doloso do trabalhador, temos o nexo de causa e efeito É o próprio exercício da atividade de trabalho que resulta na causa do acidente de trabalho. Sendo assim, decorre risco profissional as consequências como a incapacidade temporária, permanente (parcial ou total), ou morte.

A atual realidade de trabalho x psicodinâmica do trabalho

A acumulação flexível do capital e reestruturação produtiva do final do século XX, articuladas às características da pós-modernidade, têm gerado inúmeras mudanças no mundo do trabalho, pois, como afirma Mendes (2007), essas mudanças trazem novas formas de subjetivação, de sofrimento, de adoecimento e de possibilidades de ação e reação dos trabalhadores. Para a autora, as novas formas de organização do trabalho revelam um modo de dominação social muito mais sutil e sofisticado e difícil de ser identificado. Há contradições de objetivos, de regras e de controle na nova forma de organização do trabalho. As exigências do trabalho são invisíveis, há ameaça individual do trabalho, desestabilizando o coletivo de trabalho. Não há espaço para transformação do sofrimento neste contexto.

A reestruturação da tarefa (Dejours, 1998) surge como resposta à necessidade de substituir a Organização Científica do Trabalho; e traz à tona amplas discussões sobre o objetivo do trabalho, sobre a relação homem-tarefa acentuando a dimensão mental do trabalho industrial. Com o desenvolvimento industrial-tecnológico, a carga física do trabalho diminui, sendo estabelecidas novas condições, descobrindo-se, então, sofrimentos insuspeitos e, assim, acentua-se a dimensão mental do trabalho.

Os sintomas físicos ou psicossociais, sob essa ótica, retratariam a incompatibilidade dos trabalhadores em lidarem com suas demandas individuais e com o contexto de trabalho, sendo a ocorrência de acidente de trabalho ou adoecimento quando há convívio frequente com o sofrimento psíquico, sem obtenção de êxito de enfrentamento.

Na perspectiva da psicodinâmica, pressupõe-se que o acidente de trabalho está relacionado com a desestabilidade física, psíquica e social originada no confronto do trabalhador com determinados contextos de trabalho. Esse processo se inicia quando a vivência de prazer não é possível e quando os trabalhadores passam a utilizar, de forma ineficiente e ineficaz, as estratégias de enfrentamento ou mecanismos de defesa individuais e coletivos para superar as dificuldades decorrentes das adversidades do contexto de trabalho, fato que resulta na gradual aparição de danos físicos e psicossociais, ocasionados por acidentes e reacidentes de trabalho.

Métodos

Foi realizado um levantamento dos acidentes típicos de trabalho ocorridos nos últimos dois anos entre os servidores efetivos da Instituição. Esse levantamento foi realizado nos registros realizados pelo Serviço de Saúde Ocupacional do Departamento Médico nos anos de 2011 e 2012. A amostra foi composta por quatro servidores efetivos acidentados no período e que se voluntariaram a participar da pesquisa. Os participantes assinaram o termo de consentimento livre e esclarecido.

O interesse em estudar servidores que sofreram acidente de trabalho se deu em função da pesquisadora trabalhar na área de saúde ocupacional da instituição pesquisada.

A coleta de dados foi realizada através de entrevistas individuais semiestruturadas abertas. Buscou-se atender os objetivos do pesquisar através de um roteiro pré-estabelecido apenas como direcionador. Outras questões foram elaboradas ao longo da entrevista com intuito de esclarecer ou enriquecer as falas dos entrevistados.

A pesquisa na Psicodinâmica utiliza a fala como base metodológica, para permitir o acesso aos processos de subjetivação, para tornar o invisível em visível, em um processo que o sujeito é colocado para verbalizar conteúdos sobre o processo do seu trabalho, da sua subjetividade.

A palavra é o meio utilizado para se ter acesso a essa subjetividade dos trabalhadores e a escuta oferecida pelo pesquisador deve ser aberta e atenciosa para que se crie um vínculo verdadeiro de confiança entre pesquisado e pesquisador.

A relação de *rapport* entre os pesquisadores/entrevistados que é o vínculo de confiança estabelecido entre eles é que permite a fala livre. Da parte dos pesquisadores são necessários o acolhimento, o reconhecimento e valorização do outro. Isto implica uma postura próxima, que não controla e não julga. Quem tem o controle da entrevista é o entrevistado, embora o pesquisador a direcione (Bleger, 1991).

Nesse processo, o entrevistado verbaliza os conteúdos do trabalho, seu olhar sobre as situações vivenciadas, contexto de trabalho e experiências positivas ou negativas do trabalho.

Segundo Mendes (2007), o momento da entrevista é um processo, no qual vínculos (simbólicos, afetivos, ideacionais, sociais) são estabelecidos. À medida que o entrevistado fala, o entrevistador em sua escuta se envolve neste discurso, buscando aprender os conteúdos psicológicos latentes, além do manifesto, que se revela nas suas verbalizações. Assim, os vínculos são aprofundados e permite o sujeito ser sincero em suas expressões. Não havendo espaço para escuta, que pressupõe dúvida do que está posto, haverá um comprometimento no resultado da pesquisa.

Roteiro da entrevista

A entrevista seguiu um roteiro previamente definido, com sete questões abertas que permitam a fala livre sobre a organização do trabalho antes e após o acidente de trabalho e aos sentimentos envolvidos neste acontecimento:

- 1- Fale-me sobre o seu trabalho.
- 2- Fale-me o que você pensa ou sente sobre o seu trabalho.

- 3- Fale-me o sobre o dia em que ocorreu o acidente de trabalho.
- 4- O que você sentiu diante do acidente de trabalho?
- 5- Como seus colegas reagiram diante do seu acidente de trabalho?
- 6- Qual foi a reação do seu chefe diante do seu acidente de trabalho?
- 7- Houve alguma mudança na organização do trabalho após o seu acidente?

Antes do início de cada entrevista, foi esclarecido ao pesquisado sobre os objetivos do trabalho, sobre o princípio ético e sigilo da identidade de cada sujeito da pesquisa.

A entrevista com cada entrevistado foi dividida em dois encontros de aproximadamente trinta minutos cada um. As entrevistas ocorreram dentro da própria Instituição em uma sala reservada para este fim, sem nenhuma interrupção para garantir a privacidade e fala livre do entrevistado. As entrevistas foram gravadas e transcritas pela pesquisadora.

Análise das entrevistas

As transcrições foram submetidas à Análise de Núcleo de Sentido, que permitiu a classificação das verbalizações em categorias, previamente estabelecidas segundo os objetivos da pesquisa (análise dedutiva):

- Mudanças na Organização do trabalho após o acidente;
- Vivências de sofrimento na ocorrência do acidente;
- Defesas desenvolvidas no enfrentamento do acidente;

As análises das falas pela técnica de análise dos núcleos de sentidos (ANS), citada por Mendes (2007) adaptada a partir da técnica de análise

conteúdo categorial, implicam em um olhar particular sobre os dados. Essa técnica consiste no desmembramento do texto em partes denominadas núcleos de sentido formados a partir da investigação dos temas sobressalentes do discurso. Agrupa o conteúdo latente e manifesto do texto, com base em temas constitutivos de um núcleo do sentido, em definições que ofereçam maior suporte às interpretações.

Apresentação dos Resultados

“É questão assim de milésimos de segundos, caramba, meu Deus deixa acordar deste sonho, isso não aconteceu, deixa eu voltar um segundo atrás, mas você não tem como voltar um segundo atrás.”

Entrevistada A

Os temas foram identificados a partir das falas dos entrevistados, através de categorias pré-definidas, sendo levantados três núcleos de sentido. Para cada núcleo há uma definição do seu conteúdo. Em seguida, foi descrito o núcleo com a exemplificação de falas dos entrevistados.

Núcleo de Sentido 1: Organização do trabalho – o depois do acidente de trabalho: o que mudou no fazer do trabalho, nas tarefas, ritmos, nas normas, na produção, nas relações sociais.

“Eu acho que eu tentei ficar mais atenta”.

No trabalho mesmo não afetou em nada, né, e assim interessante que eu sou uma pessoa positiva, sabe, eu sempre tento ver é: ah isso aconteceu pra me ajudar em tal coisa”. Assim eu tinha deixado de fazer ginástica e aí quando eu comecei a fazer fisioterapia ah eu falei: quer saber de uma coisa, eu vou voltar para o pilates, vou voltar a fazer minhas caminhadas né porque eu vi que eu tava também, não sei se era da queda eu estava com dificuldade de caminhar. Eu voltei das férias, estava fazendo fisioterapia, mas começou a doer, estava com um pouco de dificuldade para andar aquilo começou a me

preocupar bastante, até pra subir o meio fio estava ruim. Ai eu estacionava o carro em locais que eu não tivesse que subir meio fio, em lugares que não tinha que ficar subindo e descendo escadas ai eu fui ao neurologista pra ver o que era e tudo, mas não diagnosticou nada, depois que ela passou a fisioterapia. Ai eu falei quer saber, eu vou voltar a fazer meus alongamentos, minhas coisas. Então, isso, de certa forma me ajudou a melhorar minha qualidade de vida, eu levei para um lado positivo: vai ver que isso foi uma alerta para eu retomar minhas atividades e tal.

- “Eu tentei prestar mais atenção ao paciente, às reações dele, porque a técnica...não foi o erro da minha técnica em si. Eu orientei o paciente, falei sobre o procedimento, eu estava usando os EPIs, e foi uma reação dele.”

- “Eu acho que não modifiquei muita coisa não porque eu estava fazendo tudo direitinho, apenas fiquei mais atenta”.

Núcleo de Sentido 2: Sofrimento decorrido do acidente de trabalho

“Você buscou ser a pessoa mais dentro do trilho do mundo e de repente você se vê descarrilhada e não foi você quem provocou isso.”

É igual aquela música do Chico Buarque eu acho bem interessante, uma bem antiga, que ele fala do operário que sofre um acidente. Tem uma parte da música que ele fala assim: caiu, morreu na contramão atrapalhando o trânsito.

É isso, acho que o resumo é bem isso. É uma morte, uma perda, mas você estava atrapalhando o trânsito... É esse o sentimento. É doido, mas é real, é humano e é isso que eu acho que me chocou mais, existe real, saber lidar com esse real.

- *“Por mais que eu tenha explicado, usado os EPIs, não evitou que naquele dia eu tivesse o acidente e naquele momento vem um sofrimento, você pensa: meu Deus, aconteceu comigo, e agora?”*

- *“Na hora, ai chorei, chorei porque na verdade foi uma dor...”*

- *“É algo que você não espera. Você ouve falar, mas não acha que vai acontecer com você. Então quando isso chega a você, o emocional aflora com muita intensidade e o racional acaba que não funciona...”*

- *“Ao mesmo tempo em que você sofre um acidente, eu vejo dois sentimentos, é um sentimento, assim de piedade em relação a sua pessoa, assim: ai que dó, essa coisa da pena. É um sentimento. Ao mesmo tempo outro sentimento assim: ainda bem que não foi comigo”.*

- *“Dá assim... uma tristeza, vergonha, porque ali no corredor tem câmeras, aí você não sabe se alguém viu”.*

- *“Como eu estava sentindo muita dor no cotovelo e no braço ai eu vi que o diretor estava lá eu bati assim na porta já morrendo de chorar, então eu fiquei com vergonha dele”.*

- *“... doía muito, machuquei meu cotovelo, quando eu mexi assim e deu aquela dor, horrível, eu sentei no sofá eu: ah meu Deus, quebrei o braço...”.*

- *“Vem tudo isso assim, esse turbilhão de coisas e aí a vergonha também, frustração...o medo... preocupação também. Preocupação de ficar com sequelas.”*

- *“Eu tinha muito medo, né, de ter machucado, quebrado alguma coisa, de ter que engessar, de ter que fazer alguma cirurgia, porque queda é muito perigoso”.*

- *“Depois do acidente você fica olhando para aquele lugar do acidente e pensa: foi bem ali, aí você fica pensando. Era esse medo, de acontecer alguma coisa novamente”.*

Sentimentos de culpa (autoculpabilização)

- *“isso me traz um constrangimento, certa vergonha de, você falhou, você se contaminou, então foi uma falha sua, é como se admitir um erro seu. Isso traz um sentimento de culpa, de vergonha mesmo”.*

- *“Você não se protegeu adequadamente, você se pôs em risco, você trouxe uma situação que mexe na vida de outras pessoas, foi culpa sua, a princípio foi culpa sua”.*

“A gente fica pensando será se eu contribuí para isso porque eu estava andando rápido, será se eu não prestei atenção, podia ter evitado ou podia ter usado outro tipo de sapato, sei lá. não sei...”.

- *“Até depois eu mandei colocar emborrachado, aquele antiderrapante pra eu poder usar tranquila na chuva e não ter perigo.”*

- *“Eu acho que eu vinha talvez com o passo mais acelerado”.*

- *“Agora eu procuro andar com mais atenção ver se tem água, observar mais o piso, e quando está chovendo pegar um calçado que não vai escorregar. Até mesmo um calçado sem salto ou um saltinho mais baixinho ou um calçado que tem antiderrapante agora estou tomando meus cuidados”.*

- *“De repente, pode ter sido uma displicência minha, porque onde a gente está a gente está olhando, e eu fui entrando, nem me atentei e eu escorreguei, cai lá no chão mas eu não sei o motivo ou uma causa maior.”*

- *“Na primeira hora você fala assim, frustração. Você fala: poxa, porque eu não prestei atenção? Nossa, mas foi também besta, poxa eu enfiei o pé aqui, porque eu não prestei atenção, sei lá, porque eu não coloquei a mão?”.*

Núcleo de sentido 3: defesas

“Acho que foi: o mal vem pro bem.”

- *“Eu vou voltar a fazer meus alongamentos, minhas coisas. Então, isso, de certa forma me ajudou a melhorar minha qualidade de vida”.*

- *“Eu vejo a minha disposição melhorou eu acho que isso é um fator positivo”*

- *“Vai ver que isso foi uma alerta para eu retomar minhas atividades”.*

- *“Acho que o acidente foi uma pontuação ali na minha vida. Para e pensa. O que é importante para você. O que realmente vale a pena”.*

- *“Eu sei que estou sujeita a isso diariamente então eu lidei bem com a coisa, com o fato em si”.*

- *“Podia ter sido bem pior, podia ter fraturado aqui, a mandíbula”.*

- *“Mas podia ter sido bem pior, podia ter quebrado um pé...”.*

Discussão dos resultados

Para a psicodinâmica, a “organização do trabalho” é elemento chave de análise do comprometimento e envolvimento do trabalhador com sua atividade.

De maneira geral, os entrevistados relataram que não houve mudança na organização do trabalho, após a ocorrência do acidente de trabalho “não, não mudou nada no meu trabalho”, porém, em algumas falas há contradição desta afirmação, como: “*Só que ai eu estou com mais cuidado, observo mais o paciente, continuo usando os meus EPIs...*” Essa contradição aparece provavelmente em função de uso de uma defesa, a negação, no caso para recusar o fato de ter havido mudança na organização do trabalho. Em relação à divisão de trabalho, o conteúdo da tarefa e a produtividade não houve relatos de mudanças importantes que merecessem destaque. Porém, foi relatada mudança no modo de fazer da tarefa.

A organização trabalho, como é definida por Dejours, 2012, classifica-se em duas dimensões: *a divisão do trabalho*: como são prescritas as tarefas, cadências e seu modo operatório, e *a divisão dos homens, na qual* as tarefas são definidas e divididas entre os sujeitos. Observa-se claramente na fala que houve mudança no modo operatório, quando uma das entrevistadas relata que “*Eu tentei prestar mais atenção*” e outra diz: “*eu tentei ficar mais atenta*”.

A negação de mudança na organização do trabalho é uma forma do sujeito se defender contra um sentimento, um sofrimento. Ele busca, de maneira até inconsciente, se proteger acreditando que não houve mudança no

trabalho, enquanto em outros momentos da entrevista é desvelado que ocorreram mudanças sim na organização do trabalho.

Já em relação ao núcleo de sofrimento na ocorrência do acidente e suas repercussões, é evidente como os sentimentos de sofrimento aparecem nas falas dos entrevistados e se manifestam, além da fala, nos gestos, nas expressões faciais e nas atitudes, como choro durante a entrevista ao falar do ocorrido.

Nas falas aparecem muitas frases marcantes que expressam o sofrimento, como “vem tudo isso assim, esse turbilhão de coisas e aí a vergonha também, frustração, medo, preocupação também. Preocupação de ficar com sequelas”.

A manifestação do medo é recorrente nas entrevistas. Ilustrado nas falas, como “eu tinha muito medo, né, de ter machucado, quebrado alguma coisa” *“frustração... o medo... preocupação também. Preocupação de ficar com sequelas”*. Fica claro o medo de adquirir deficiências permanentes e também o receio de um reacidente de trabalho, “então não tinha como falar que não ia acontecer nunca mais. Seria um medo de acontecer de novo”.

Aparece tanto sofrimento físico, *“doía muito, machuquei meu cotovelo, quando eu mexi assim e deu aquela dor, horrível”*, quanto sofrimento psíquico: *“Você tem toda uma estrutura emocional e psicológica e de repente ela vem água abaixo, e não vai ser mais isso... eu sei que eu tremia assim e eu percebi que a emoção estava tomando de conta”*.

Jacques (2009), afirma que alterações psicológicas e sintomas psiquiátricos advindos de sofrimento decorrentes de acidentes de trabalho repercutem no

relacionamento interpessoal, familiar, social e laboral do trabalhador, e podem ocorrer, comprometendo seus projetos de vida e sua realização pessoal. Uma das entrevistadas relata: *“A vida não é cor de rosas. Esse acidente de trabalho me fez me tornar uma pessoa mais seca, mais fria. Eu acho que eu tinha um mundo muito ilusório”*.

O sofrimento, quando não se faz acompanhar de descompensação psicopatológica, é porque contra ele o sujeito emprega defesas que lhe permitem controlá-lo. (Dejours, 2007).

As análises sobre os acidentes de trabalho têm pouca visibilidade social e, quando se fazem, priorizam uma análise simplista de ações seguras e inseguras, sem considerar a complexidade do fenômeno. Os acidentes e a morte no trabalho não são episódios isolados em seu âmbito restrito, existindo uma inter-relação entre os fatos, condições e consequências. Entre suas consequências, para além do comprometimento da integridade física, podem ocorrer alterações psicológicas e sociais. Neste sentido, inscrevem-se como constitutivos do processo saúde/doença na sua relação com o trabalho (Jacques, 2009 e Teixeira, Camargo, Monteiro, Santos & Ramos, 2004).

Os trabalhadores tem uma tendência a trazer para si, única e exclusivamente a responsabilidade pelo ocorrido, através da manifestação de forte sentimento de culpa. Nesta pesquisa, é notável o posicionamento dos entrevistados perante a causalidade do infortúnio: *“De repente, pode ter sido uma displicência minha”* levando para si toda a responsabilidade do acidente.

Em um trabalho realizado por Júnior, Mendes & Araújo (2009) com bancários que desenvolveram LER/Dorts no trabalho, observou-se forte sentimento de culpa dos trabalhadores adoecidos.

Existe uma cultura na sociedade de explicar o acidente de trabalho como uni causal, geralmente inferindo as justificativas do acidente baseadas em atitudes inseguras do trabalhador. Como citado por Jacques (2009) o grande desafio que se coloca é o de compreender a tendência comum de individualizar e responsabilizar o trabalhador acidentado, muitas vezes acrescido de explicações de caráter moral associadas à fraqueza, à simulação ou a um ato voluntário para obter benefícios pessoais. As explicações recaem em um conjunto de fatores complexos que se reproduzem nos órgãos de assistência à saúde, o que corrobora para que tal tendência se mantenha.

Defesas como racionalização e negação apareceram claramente nas entrevistas. Em afirmações, como *“Eu sei que estou sujeita a isso diariamente então eu lidei bem com a coisa, com o fato em si.”* e *“Foi mantido o mesmo trabalho, a mesma situação que eu tava antes. Também eu trabalho mais sentada, não tenho que carregar peso. Então... não houve mudança não”*.

As estratégias defensivas são definidas por Dejours (1994) como regras de condutas construídas e conduzidas por trabalhadores. Variam de acordo com as situações de trabalho, sendo marcadas pela engenhosidade, diversidade e criatividade, fazendo com que o trabalho seja suportado sem adoecer. Mas individualmente o sujeito também lança mão de estratégias para se proteger, se defender de determinadas situações/condições. Essas estratégias individuais são mais frágeis que as coletivas, pois não costumam se sustentar tanto por longo período.

Nesta pesquisa, observa-se que a racionalização é a defesa mais prevalente utilizada pelos entrevistados. O uso dessa defesa se faz necessária para minimizar o sofrimento presente em todas as ocorrências de acidente.

Para Mendes (2007), as situações geradoras de sofrimento são racionalizadas e podem perdurar por longo período de tempo e pode evitar o adoecimento ou aumento do sofrimento. É notório o uso da racionalização em todos os casos entrevistados: *“Acho que foi o mal vem pro bem”, “Podia ter sido bem pior, podia ter fraturado aqui, a mandíbula”, “Eu vou voltar a fazer meus alongamentos, minhas coisas. Então, isso, de certa forma, me ajudou a melhorar minha qualidade de vida”*. Essas defesas funcionam como proteção dos trabalhadores que utilizam desse mecanismo para minimizar o sofrimento que vivenciaram no acidente de trabalho.

Considerações finais

A quantidade de acidentes de trabalho que ocorrem no mundo e no Brasil é alta e estampa uma situação preocupante, principalmente no que tange na abordagem das causas e consequências relacionadas ao evento, que muitas vezes são direcionadas para causas únicas e centradas no trabalhador.

O estudo e entendimento desses acidentes dentro dos contextos de trabalho, na lógica de produção da empresa/indústria, levando em consideração o “mundo do trabalho” que está inserido está longe de ser abordado. O olhar deste ângulo pode revelar situações graves dentro da organização do trabalho e deixar a mostra um cenário comprometedor expondo o dono do negócio e mostraria para o demais trabalhadores o quão precário é o cenário do trabalho que estão expostos.

As consequências dos acidentes do trabalho podem ser traumáticas, principalmente quando ocorrem mutilações, invalidez permanente, entre outros danos graves, que além de danos físicos ao trabalhador, afetam também sua integridade psicológica com repercussões também para a família e para a sociedade.

Nesta pesquisa, não foi entrevistado nenhum servidor que tivesse sofrido acidente de trabalho grave. Mesmo assim, o sofrimento diante do acidente de trabalho ficou evidente. Os entrevistados relatam sentimentos como frustração, dor, medo, insegurança, vergonha e discriminação. Tanto sofrimentos físicos como sofrimento psíquico foram relatados.

Sob o olhar da psicodinâmica do trabalho, fica evidente como os trabalhadores buscam encontrar defesas, ainda que individuais, como a racionalização e negação para trazer conforto diante do ocorrido e se proteger do sofrimento.

As investigações dos acidentes de trabalho confrontado com as características da organização do trabalho, do modo de produção dos bens ou serviços e fatores psicossociais do trabalho devem ser considerados para o entendimento da situação geradora do acidente de trabalho dentro de uma lógica multicausal, que proporcione uma visão global do fenômeno para que haja mudanças de comportamentos nas organizações de trabalho visando condições de trabalho mais apropriadas, evitando os acidentes de trabalho e, portanto minimizando sofrimento físico e psíquico dos trabalhadores.

Referências bibliográficas

Mendes, A. M. (2007) *Pesquisa em Psicodinâmica: A clínica do Trabalho*. Em: Mendes, A. M (org.) *Psicodinâmica do Trabalho: teoria, métodos e pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Mendes, A. M. (2007) *Novas formas de organização do trabalho, ação dos trabalhadores e patologias sociais*. Em: Mendes, A. M (org.) *Psicodinâmica do Trabalho: teoria, métodos e pesquisa*. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Oliveira, N. T (2003) *Somatização e Sofrimento no Trabalho*. Em: Mendes, J. M. R e Bellini, M. I. B. (org.) *Textos e Contextos*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

Mendes, A. M. et al. (2008) *Estudo de Acidentes de Trabalho e seus Impactos Socioeconômicos: Fatores Preditores, Explicativos e Modos de Prevenção*. Projeto de Pesquisa e Desenvolvimento, Ciclo 2007/2008 da CELPE.

Dejours, C. (1994). *Psicodinâmica do Trabalho: contribuições da escola Dejouriana à análise da relação prazer, sofrimento e trabalho*. Trad. M. I. S. Betiol. São Paulo: Atlas.

Dejours, C. (1998) *A loucura do trabalho: estudo de Psicopatologia do Trabalho*. São Paulo: Cortez.

Dejours, C, (2007) *A banalização da Injustiça Social*. Rio de Janeiro. Fundação Getúlio Vargas.

Dejours, C. (2011). *Da psicopatologia à psicodinâmica do trabalho*. Em S. Lancman & L. I. Sznelwar (orgs). Brasília: Paralelo 15 e Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

Dejours, C. (2012). *Trabalho e Emancipação*. Trad. de Franck Soudant. Brasília: Paralelo 15 e Rio de Janeiro: Editora Fiocruz.

Bleger, J. (1991). *Temas de psicologia: entrevistas e grupos*. São Paulo: Martins Fontes.

Guimarães, G. T. D. & Rocha, M. A. M. (2008). *Transformações no mundo do trabalho*. Revista Textos & Contextos Porto Alegre v. 7 n. 1 p. 23-41. jan./jun.

Ianni, O. (1994). *O mundo do trabalho*. São Paulo em Perspectivas vol 8 n.1 pp. 2-12, jan/mar.

Rodrigues, P.F.V; Bellini, M.I.B (2010). *A Organização do Trabalho e as Repercussões na Saúde do Trabalhador e de sua Família*. Textos & Contextos (Porto Alegre), v. 9, n. 2, p. 345 - 357, ago./dez.

Jacques, M. da G; Jacques, C. C. (2009) *Acidentes de trabalho e implicações psicossociais: uma discussão Introdutória*. Pesquisas e Práticas Psicossociais vol 3 n.2, São João del Rei, Mar.

Teixeira, A., Camargo, D., Monteiro, J., Santos, D. & Ramos, D. (2004). *Acidentes de trabalho: repercussões na saúde mental*. In Guimarães & S. Grubits (Orgs.), *Série Saúde Mental e trabalho* (pp. 191-216). São Paulo: Casa do Psicólogo.

Júnior, A.V.S. Mendes, A.M., Araújo, L.K.R. (2009) *Experiência em clínica do trabalho com bancários adoecidos por Ler/ DORT*. Rev. Psicol. Cienc. Prof. vol.29 n.3 Brasília.

Costa, H.J. (2009) *Manual de Acidente de Trabalho*. 3º ed. rev. e atual. Curitiba: Juruá.

Legislação brasileira. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/8213cons.htm>. Acesso em 22/08/2013.

Dados da Organização Internacional do Trabalho. Disponível em: <www.oit.org.br>. Acesso em 22/08/2013.

Dados de acidentes de trabalho: Disponível em: www.mpas.gov.br. Anuário Estatístico da Previdência Social 2011.